

colecção bases

- DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO  
John Reed
- POÉTICA - COMO FAZER VERSOS  
Majakovsky
- A ORIGEM DO CAPITAL (A ACUMULAÇÃO PRIMITIVA)  
Karl Marx
- O CAPITAL: CONCEITOS FUNDAMENTAIS  
Marta Hamecker
- TEORIA DA MAIS-VALIA: OS FISIOCRATAS  
Marx, Turgot
- A NOVA MULHER E A MORAL SEXUAL  
Alexandra Kolontai
- COMO FIZEMOS A REVOLUÇÃO  
Leon Trotsky
- PSICOPATOLOGIA E SOCIOLOGIA DA VIDA SEXUAL  
Whehm Reich
- AS TRÊS FONTES E AS TRÊS PARTES CONSTITUTIVAS DO MARXISMO  
Lenin
- MATERIALISMO DIALÉTICO E MATERIALISMO HISTÓRICO  
Stalin
- COMO ILUDIR O POVO  
Lenin
- DIFERENÇA ENTRE AS FILOSOFIAS DA NATUREZA EM DEMÓCRITO E EPICURO  
Karl Marx
- DO SOCIALISMO UTOPICO AO SOCIALISMO CIENTÍFICO  
Friedrich Engels
- AS LIÇÕES DE OUTUBRO  
Leon Trotsky
- A LIBERTAÇÃO DA MULHER  
Santoro-Nachaj, A. Kolontai, Vito Kapo e outros
- SOBRE LITERATURA E ARTE  
Marx, Engels
- SOBRE A MULHER  
Marx, Engels, Lenin
- O ANARQUISMO E A DEMOCRACIA BURGUESA  
Kropotkin, Malatesta, Engels e outros
- MATERIALISMO HISTÓRICO E MATERIALISMO DIALÉTICO  
Althusser, Badiou
- PARA UMA CRÍTICA DE ECONOMIA POLÍTICA  
Sweazy, Marx
- AS ORIGENS DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL  
Eric Hobsbawm
- O SOCIALISMO LIBERTÁRIO  
Bakunin
- O IMPERIALISMO, FASE SUPERIOR DO CAPITALISMO  
Lenin
- AS TRÊS FONTES DO MARXISMO  
Karl Kautsk
- TEORIAS DA MAIS-VALIA: ADAM SMITH E A IDÉIA DO TRABALHO PRODUTIVO, A RIQUEZA DAS NAÇÕES  
Karl Marx, Adam Smith
- OPosição OPERÁRIA: 1920/1921  
Alexandra Kolontai
- TRABALHO ASSALARIADO E CAPITAL  
Karl Marx
- SALÁRIO, PREÇO E LUCRO  
Karl Marx
- ABC DO ECONOMISMO  
N. Bukharin
- O SOCIALISMO PRÉ-MARXISTA\*  
Babouf, Saint-Simon, Fourier, Blancq
- A REVOLUÇÃO TRÁIDA  
Leon Trotsky
- FUNDAMENTOS DO LENINISMO  
Stalin
- IMPERIALISMO E COMÉRCIO INTERNACIONAL  
Arnix, Bettelheim, Paltov, Emmanuel
- ESQUERDISMO, DOENÇA INFANTIL DO COMUNISMO  
Lenin
- OS CONCEITOS ELEMENTARES DO MATERIALISMO HISTÓRICO  
Marta Hamecker
- ESCRITOS MILITARES  
Marx, Engels, Lenin
- A VIDA DE LENIN (SUA JUVENTUDE)  
Leon Trotsky
- CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA QUESTÃO JUDAICA  
Abraham Leon
- A REVOLUÇÃO DESCONHECIDA (1) - NASCIMENTO, CRESCIMENTO E TRIUNFO DA REVOLUÇÃO RUSSA: 1825-1917  
Volin
- A REVOLUÇÃO DESFIGURADA  
Leon Trotsky
- MARXISMO E REVOLUÇÃO SEXUAL  
Alexandra Kolontai
- A ORIGEM DA VIDA  
A. Operin
- AS CLASSES SOCIAIS  
G. Gurvitch
- A ORIGEM DA FAMÍLIA, DA PROPRIEDADE PRIVADA E DO ESTADO  
Engels
- KARL MARX: BREVE ESBOÇO BIOGRÁFICO  
Lenin
- A MISÉRIA DA FILOSOFIA  
Karl Marx
- A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA  
Friedrich Engels
- REFORMA SOCIAL OU REVOLUÇÃO?  
Rosa Luxemburgo
- AS LUTAS DE CLASSES NA FRANÇA (1848-1850)  
Karl Marx
- A GUERRA CIVIL NA FRANÇA  
Karl Marx
- O ESTADO E A REVOLUÇÃO  
Lenin
- NOVA POLÍTICA ECONÔMICA  
Lenin, Trotsky, Bukharin, Preobrazhensky, Gerstana, Katorguine
- A REVOLUÇÃO DE 1905  
Trotsky

DEDALUS - Acervo - FFLCH



20900093916

Unidade V  
Colecção bases

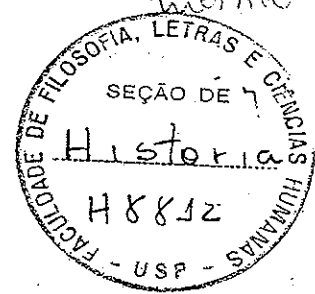
# ENGELS A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA

Prólogo à edição brasileira  
JOSÉ PAULO NETTO



reposição.

colocou no armário o  
mesmo tombo: H 8812



TOMBO: 08812



SBD-FFLCH-USP

global editora



## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

---

A história da classe trabalhadora na Inglaterra começa na segunda metade do século passado, com a invenção da máquina a vapor e das máquinas destinadas a trabalhar o algodão. Estas invenções desencadearam, como é sabido, uma revolução industrial<sup>2</sup> que, simultaneamente, transformou a sociedade burguesa no seu conjunto e cuja importância só agora se começa a reconhecer na história do mundo.

A Inglaterra é o país clássico desta revolução que foi tanto mais poderosa quanto mais silenciosamente se fez. É por isso que a Inglaterra é também o país clássico para o desenvolvimento do principal produto desta revolução: o proletariado. É só na Inglaterra que o proletariado pode ser estudado em todos os seus aspectos e relações.

Entretanto, não temos que nos preocupar com a história desta revolução, nem com a sua imensa importância para o presente e para o futuro. É preciso reservar este estudo para um trabalho posterior, mais vasto. Provisoriamente, devemos-nos limitar a algumas informações necessárias para a compreensão dos fatos que se seguem, para a compreensão da situação atual dos proletários ingleses.

Antes da introdução das máquinas, a fição e a tecelagem das matérias-primas efetuavam-se na própria casa do trabalhador. Mulheres e crianças fiavam o fio que o homem tecia ou que elas vendiam, quando o chefe de família não o trabalhava. Estas famílias de tecelões viviam, geralmente, no campo, próximo das cidades, e o que ganhavam assegurava perfeitamente a sua existência, porque o mercado interno constituía ainda o fator decisivo da procura de tecidos — era quase o único mercado — e o poder esmagador da concorrência que devia aparecer mais tarde, com a conquista de mercados estrangeiros e com a extensão do comércio, não pesavam ainda sensivelmente no salário. A isto juntava-se um permanente cres-

cimento da procura do mercado interno, paralelamente ao lento crescimento da população, o que permitia ocupar a totalidade dos trabalhadores; é preciso mencionar, por outro lado, a impossibilidade de uma concorrência brutal entre os trabalhadores, devida ao isolamento rural. Assim, o tecelão podia fazer, muitas vezes, economias e arrendar um pedaço de terra que cultivava nas horas livres, que eram determinadas segundo sua vontade porque podia tecer quando e durante quanto tempo desejasse. É certo que era um pobre camponês e que se dedicava à agricultura com certa negligência, sem tirar dela um proveito real; mas, pelo menos, não era um proletário e tinha plantado — como dizem os ingleses — uma estaca no solo da sua pátria, tinha uma habitação e na escala social situava-se no escalão acima do trabalhador inglês de hoje.<sup>3</sup>

Assim, os trabalhadores viviam uma existência em geral suportável e levavam uma vida honesta e tranqüila, em tudo piedosa e honrada; a sua situação material era bem melhor que a dos seus sucessores; não tinham necessidade de se matarem de trabalhar, não faziam mais do que desejavam e, no entanto, ganhavam para as suas necessidades e tinham tempo livre para um trabalho são no jardim ou no campo, trabalho que era para eles uma forma de descanso, e podiam, por outro lado, participar nas distrações e jogos dos seus vizinhos; e todos esses jogos, malha, bola, etc., contribuïam para a manutenção da sua saúde e para o seu desenvolvimento físico.

Eram, na sua maior parte, peçoas vigorosas e bem constituïdas, cuja constituição física era muito pouco, ou nada diferente da dos camponeses, seus vizinhos. As crianças cresciam no bom ar do campo e, se tinham que ajudar os seus pais no trabalho, faziam-no ocasionalmente, e nunca durante um dia de trabalho de oito ou doze horas.

O caráter moral e intelectual desta classe adivinha-se facilmente. Longe das cidades, onde nunca entravam, porquê entregavam o fio e o tecido a agentes itinerantes mediante pagamento de um salário, de modo que velhos moradores das proximidades das cidades nunca tinham ido lá, até o momento em que as máquinas os despojaram do seu ganha-pão e em que foram coagidos a procurar trabalho na cidade. O seu nível intelectual e moral era o da gente do campo, às quais, na maior parte das vezes, estavam diretamente ligados pelas

suas pequenas terras. Respeitavam o seu *Squire* — o proprietário rural mais importante da região — como seu superior natural, pediam-lhe conselho, submetiam-lhe as suas pequenas querelas e prestavam-lhe as honras que essas relações patriarcais comportavam. Eram pessoas “respeitáveis” e bons pais de família; viviam segundo a moral, porque não tinham ocasião de viver na imoralidade, pois não havia nas proximidades bordéis ou prostíbulos e o dono da estalagem na qual, de tempos em tempos, acalmavam a sede, era igualmente um homem respeitável, e, na maior parte das vezes, um grande arrendatário que fazia questão de ter boa cerveja, boa ordem e que não gostava de se deitar tarde. Tinham os filhos durante todo o dia em casa e inculcavam-lhes a obediência e o temor de Deus; estas relações familiares patriarcais subsistiam até os filhos casarem; os jovens cresciam com os seus amigos de infância numa intimidade e numa simplicidade idílicas até o casamento, e mesmo que as relações sexuais antes do casamento fossem algo quase corrente, só se estabeleciam quando a obrigação moral do casamento era reconhecida pelos dois lados e nupcias subseqüentes restabeleciam a ordem. Em resumo, os trabalhadores industriais ingleses desta época viviam e pensavam como se vive ainda em certas regiões da Alemanha, contando apenas consigo mesmos, à margem, sem atividade intelectual e levando uma existência sem sobressaltos. Raramente sabiam ler e muito menos escrever, iam regularmente à igreja, não faziam política, não conspiravam, não pensavam, gostavam dos exercícios físicos, escutavam a leitura da Bíblia com um recolhimento tradicional, e estavam bem de acordo, humildes e sem necessidades, com as classes sociais mais elevadas. Mas, por outro lado, estavam intelectualmente mortos; só viviam para os seus interesses privados, mesquinhos, para o tear e para o jardim, e ignoravam tudo do forte movimento que, no exterior, sacudia a humanidade. Sentiam-se à vontade na sua pacífica existência vegetativa e, sem a revolução industrial, nunca teriam abandonado esta existência de um romantismo patriarcal, mas apesar de tudo indigna de um ser humano.

De fato, não eram homens mas simples máquinas, trabalhando ao serviço dos poucos aristocratas que tinham até então dirigido a história; a revolução industrial levou simplesmente esta situação até o seu fim lógico, reduzindo inteiramente os trabalhadores ao pa-

pel de simples máquinas, arrebatando-lhes os últimos vestígios de atividade independente, mas incitando-os, precisamente por essa razão, a pensar em exigir uma posição digna de seres humanos. Se na França isso tinha sido feito pela política, na Inglaterra foi a indústria — e de uma maneira geral a evolução da sociedade burguesa — que arrastou no turbilhão da história as últimas classes mergulhadas na apatia no que respeita aos interesses universais da humanidade.

A primeira invenção que transformou profundamente a situação dos trabalhadores ingleses de então foi a Jenny<sup>4</sup>, inventada em 1764 por um tecelão, James Hargreaves, de Standhill<sup>5</sup>, perto de Blackburn, no Lancashire do norte. Esta máquina foi o antepassado rudimentar da Mule<sup>6</sup>, que devia suceder-lhe mais tarde, funcionava a mão, mas em vez de uma agulha — como na roda vulgar de fiar a mão — possuía dezesseis ou dezoito, movidas por um só trabalhador. Foi assim que foi possível fornecer mais fio que anteriormente; enquanto antigamente um tecelão, que ocupava constantemente três fiandeiras, não tinha nunca fio suficiente, e tinha muitas vezes que esperar, agora havia mais fio do que os trabalhadores existentes podiam tecer. A procura de tecidos que, de resto, estava aumentando desenvolveu-se ainda mais devido ao baixo preço destes produtos, consequência da redução dos custos de produção graças à nova máquina; houve necessidade de mais tecelões e o salário do tecelão aumentou. E, visto que desde então o tecelão podia ganhar mais trabalhando no seu tear, ele abandonou lentamente as suas ocupações agrícolas e consagrou-se totalmente à tecelagem. Nesta época, uma família de 4 adultos e 2 crianças, no trabalho de bobinagem, chegava a ganhar, em 48 horas de trabalho cotidiano, 4 libras esterlinas por semana — 28 talers na cotação prussiana atual —, e muitas vezes mais, quando os negócios corriam bem e o trabalho urgia; frequentemente acontecia de um único tecelão ganhar no seu ofício 2 libras por semana. Foi assim que, pouco a pouco, a classe dos tecelões agrícolas desapareceu completamente, dissolvendo-se na nova classe dos que eram exclusivamente tecelões, que só viviam do seu salário e não possuíam propriedades, não tendo sequer a ilusão de propriedade que o trabalho agrícola confere. Tornaram-se pois proletários (working men). A isto veio ainda juntar-se a destruição da velha relação entre fiadores e tecelões. Até então, na medida do pos-

sível, o fio era fiado e tecido sob o mesmo teto. Agora, visto que a Jenny, bem como o tear, exigiam uma mão vigorosa, os homens também se puseram a fiar e famílias inteiras passaram a viver disso, enquanto que outras, forçadas a porem de lado a arcaica e caduca roda de fiar, tiveram que viver somente dos salários do chefe de família, quando não possuíam meios para comprar uma Jenny. Foi assim que começou a divisão do trabalho entre: fiação e tecelagem, que em seguida iria ser levada ao extremo na indústria.

Ao mesmo tempo que o proletariado industrial se desenvolvia assim com esta primeira máquina, todavia muito imperfeita, ela deu igualmente origem a um proletariado rural. Até então havia um grande número de pequenos proprietários rurais, a quem chamavam os yeomen, os quais tinham vegetado na mesma tranquilidade e na mesma nulidade intelectual que os seus vizinhos, os cultivadores tecelões. Cultivavam o seu pequeno pedaço de terra exatamente com a mesma negligência com que o tinham feito os seus pais e opunham-se a qualquer inovação com a teimosia peculiar a estes seres, escravos do hábito, que não mudam absolutamente nada no decurso das gerações. Entre eles, havia também muitos pequenos arrendatários, não no sentido atual do termo, mas pessoas que tinham recebido dos seus pais e avós um pequeno pedaço de terra, fosse a título de renda hereditária, fosse em virtude de um antigo costume, e que nele se tinham estabelecido tão solidamente como se se tratasse de propriedade sua. Ora, como os operários industriais da agricultura abandonavam a agricultura, encontraram-se disponíveis grande número de terrenos e foi aí que se instalou a nova classe de grandes arrendatários, os quais possuíam cinquenta, cem, duzentos e mesmo mais acres. Eram os tenants-at-will, quer dizer, rendeiros cujo contrato podia ser anulado todos os anos, e que souberam aumentar a produção das terras com melhores métodos agrícolas e uma exploração em maior escala. Podiam vender os seus produtos mais baratos do que o pequeno yeomen e este não tinha outra solução — visto que a sua terra já não o alimentava — senão vendê-la e adquirir uma Jenny ou um tear, ou empregar-se como jardineiro, proletário agrícola, em casa de um grande arrendatário. A sua indolência hereditária e a maneira negligente como valorizava a sua terra, defeitos que tinha herdado dos antepassados, e que não tinha podido ultrapas-

sar, não lhe deixavam outra solução, desde que se viu obrigado a entrar em concorrência com pessoas que cultivavam a propriedade segundo princípios mais racionais e com todas as vantagens que conferem a grande cultura e o investimento de capitais com vistas à melhoria da terra.

Entretanto, a evolução da indústria não parou. Alguns capitalistas começaram a instalar *Jennys* em grandes edifícios e a acioná-las por meio de força hidráulica, o que lhes permitiu reduzir o número de operários e vender as fibras mais baratas que os fiandeiros isolados, que somente acionavam as suas máquinas a mão. A *Jenny* foi sucessivamente aperfeiçoada, de tal modo que as máquinas se tornavam continuamente antiquadas e precisavam ser transformadas, ou mesmo abandonadas; e se o capitalista podia subsistir graças à utilização da força hidráulica, mesmo com máquinas bastante antiquadas, a longo prazo, o fiandeiro isolado não podia.

Estes fatos marcaram já o aparecimento do sistema de manufatura; este conheceu nova expansão graças à *Spinning Throstle*, inventada por Richard Arkwright<sup>7</sup>, um barbeiro de Preston, no Lancashire setentrional, em 1767. Esta máquina, que em alemão se chama vulgarmente *Kettenstuhl*<sup>8</sup> é, com a máquina a vapor, a invenção mais importante do século XVIII. Foi concebida desde o início para ser *acionada mecanicamente* e baseava-se em princípios completamente novos. Associando as particularidades da *Jenny* e do tear corrente, Samuel Crompton de Firwood (Lancashire) criou a *Mule*, e como Arkwright inventou na mesma época as *máquinas de cardar e transfiar*, a manufatura tornou-se o único sistema que existia para a fiação do algodão. Pouco a pouco estas máquinas foram sendo adaptadas à fiação de lã e, mais tarde, à de linho (na 1.ª década deste século), graças a algumas modificações pouco importantes e, deste modo, também nestes setores pôde ser reduzido o trabalho manual. Mas, isto não foi tudo; nos últimos anos do século passado, o Dr. Cartwright, um pastor do campo, inventava o *tear mecânico*, e em 1804 tinha-o aperfeiçoado a tal ponto que podia concorrer com sucesso com os tecelões manuais; e a importância de todas as máquinas duplicou graças à *máquina a vapor de James Watt*, inventada em 1764 e utilizada a partir de 1785 para acionar as máquinas de fiar.

Estas invenções, que a partir de então ainda foram permanen-

temente aperfeiçoadas, foram decisivas para a vitória do trabalho mecânico sobre o trabalho manual nos principais setores da indústria inglesa, e toda a história recente desta mostra-nos como os trabalhadores manuais foram sucessivamente desalojados de todas as suas posições pelas máquinas. As conseqüências disso foram, por um lado, uma queda rápida dos preços de todos os produtos manufaturados, o desenvolvimento do comércio e da indústria, a conquista de quase todos os mercados estrangeiros não protegidos, o rápido crescimento dos capitais e da riqueza nacional; por outro lado, o crescimento ainda mais rápido do proletariado, a destruição de toda a propriedade, de toda a segurança de emprego para a classe operária, desmoralização, agitação política, e todos estes fatos que tanto repugnam aos ingleses proprietários e que iremos examinar nas páginas seguintes. Vimos anteriormente as modificações que uma só máquina, tão primária como a *Jenny*, provocou nas relações sociais das classes inferiores; desde então, já não nos poderá espantar o que pode fazer um sistema de maquinaria automática complexo e aperfeiçoado que recebe de nós a matéria bruta e nos devolve as fazendas totalmente tecidas.

Entretanto, sigamos mais de perto o desenvolvimento<sup>9</sup> da indústria inglesa<sup>10</sup>, começando pelo seu ramo principal: *a indústria do algodão*. De 1771 a 1775, importava-se em média menos de cinco milhões de libras de algodão bruto por ano; em 1841, 528 milhões, e a importação em 1844 atingira pelo menos 600 milhões. Em 1834 a Inglaterra exportou 556 milhões de jardas de tecidos de algodão, 76,5 milhões de libras de fio de algodão e aproximadamente 1.200.000 libras esterlinas de artigos de algodão.

Neste mesmo ano, a indústria algodoeira dispunha de mais de 8 milhões de agulhas, 110.000 teares mecânicos e 250.000 teares manuais, sem contar com as agulhas dos teares de correntes, e, segundo os cálculos de MacCulloch, este setor fazia viver direta ou indiretamente cerca de um milhão e meio de seres humanos nos 3 reinos<sup>11</sup>, dos quais só 220.000 trabalhavam em fábricas; a força utilizada por estas fábricas estimava-se em 33.000 CV de força motriz, acionadas por vapor, e 11.000 CV de força hidráulica. Atualmente estes números estão ultrapassados, e podemos admitir tranquilamente que em 1845 a potência e o número de máquinas, bem como o número de

operários, ultrapassam em metade os de 1834. O centro principal desta indústria é o Lancashire, donde, de resto, é originária; ela revolucionou completamente este condado, transformando este pântano sombrio e mal cultivado numa região animada e laboriosa, duplicou a sua população em 80 anos e fez brotar do solo, como que por encanto, cidades gigantescas como Liverpool e Manchester que, juntas, contam 700.000 habitantes e as suas vizinhas Bolton (60.000 h.), Rochdale (75.000 h.), Oldham (50.000 h.), Preston (60.000 h.), Ashton e Stalybridge (40.000 h.), bem como um grande número de outras cidades industriais.

A história do Lancashire meridional conhece os maiores milagres dos tempos modernos, embora ninguém os mencione, e todos estes milagres foram realizados pela indústria algodoeira. Por outro lado, Glasgow constitui um segundo centro para o distrito algodoeiro da Escócia, o Lanarkshire e o Refrewshire, e também aqui a população da cidade central passou, desde a instalação desta indústria, de 30.000 para 300.000 habitantes.<sup>12</sup> A fabricação de artigos de algodão em Nottingham e Derby também recebeu um novo impulso devido à baixa do preço do fio e um segundo devido ao melhoramento da máquina de tricotar, que permite fabricar duas meias ao mesmo tempo com um só tear. O fabrico de rendas tornou-se igualmente, desde 1777, data em que foi inventada a máquina de fazer a malha apertada, um ramo industrial importante; pouco depois, Lindley inventou a máquina de *Point-net* e em 1809 Heathcote inventou a máquina de *Bobin-net*<sup>13</sup>, que simplificaram infinitamente o fabrico de rendas e aumentaram paralelamente o seu consumo, devido à diminuição dos custos; de tal modo que pelo menos cerca de 200.000 pessoas vivem atualmente deste fabrico. Os seus centros mais importantes são Nottingham, Leicester e o oeste da Inglaterra (Wiltshire, Devonshire, etc.).

Os ramos dependentes da indústria algodoeira conheceram uma evolução análoga: o branqueamento, a tinturaria e a impressão. O branqueamento, graças à utilização do cloro em vez do oxigênio no branqueamento químico, a tinturaria e a impressão, graças ao rápido desenvolvimento da química, e esta última graças ainda, a uma série de invenções mecânicas extremamente brilhantes, conheceram, aliás, um incremento que — para além do desenvolvimento destes ramos devido ao crescimento da indústria algodoeira — lhes assegurou uma

prosperidade até então desconhecida.

A mesma atividade manifestou-se na *manufatura da lã*. Este já era o ramo principal da indústria inglesa, mas as quantidades produzidas no curso destes anos não são nada em comparação com o que se fabrica atualmente. Em 1872, toda a produção de lã (tosquia) dos três anos precedentes continuava em estado bruto, por falta de operários, e assim teria ficado necessariamente se as novas invenções mecânicas não tivessem vindo em seu auxílio e não a tivessem fiado.<sup>14</sup> A adaptação destas máquinas à fiação de lã fez-se com o maior êxito. O rápido desenvolvimento que constatamos nos distritos algodoeiros afetou daí por diante os distritos lanígeros. Em 1738, no West Riding de Yorkshire, fabricavam-se 75.000 peças de pano, em 1817 450.000<sup>15</sup>, e o desenvolvimento da indústria lanígera foi tal que em 1834 se exportaram mais de 450.000 peças de pano que em 1825. Em 1801, tratavam-se 108 milhões de libras de lã (das quais 7 milhões importadas), em 1835, 180 milhões de libras (das quais 42 milhões importadas). O principal distrito desta indústria é o West Riding de Yorkshire onde, principalmente em Bradford, a lã inglesa de fibras compridas é transformada em lã de tricotar, enquanto nas outras cidades, Leeds, Halifax, Huddersfield, etc., a lã de fibras curtas é transformada em fios retorcidos e utilizada na tecelagem. Vem depois a parte vizinha do Lancashire, a região de Rochdale, onde para além da preparação do algodão se produz muita flanela, e o Oeste da Inglaterra que fabrica os mais finos tecidos. Também aí o crescimento da população é notável:

	Em 1801	Em 1831
Bradford	29.000 hab.	77.000 hab.
Halifax	63.000 "	110.000 "
Huddersfield	15.000 "	34.000 "
Leeds	53.000 "	123.000 "
O conjunto do West Riding	564.000 "	980.000 "

população que, desde 1831, deve ter crescido pelo menos 20 a 25%. A fiação de lã ocupava, em 1835, no Reino Unido, 1.313 fábricas com 71.300 operários, os quais, de resto, não representavam senão uma pequena parte da massa que vivia direta ou indiretamente do

trabalho de lã, excluindo a quase totalidade dos tecelões.

Os progressos da *indústria do linho* foram mais lentos, porque a natureza da matéria bruta tornava muito difícil a utilização da máquina de fiar; é verdade que já no decurso dos últimos anos do século passado tinham sido efetuadas na Escócia experiências neste sentido, mas só em 1810 o francês Girard conseguiu aperfeiçoar um método prático de fiação do linho e só se atribuiu às suas máquinas a importância que mereciam graças aos aperfeiçoamentos que lhe foram feitos na Inglaterra e ao seu emprego em grande escala, no solo inglês, em Leeds, Dundee e Belfast.<sup>16</sup> Mas então a indústria de linho inglesa conheceu um rápido desenvolvimento. Em 1814, importaram-se, em Dundee, 3.000 toneladas<sup>17</sup> de linho, em 1835, cerca de 19.000 toneladas de linho e 3.400 de cânhamo. A exportação de linho irlandês para a Grã-Bretanha passou de 32 milhões de jardas (em 1800) para 53 milhões (em 1825), das quais grande parte foi reexportada; a exportação de pano inglês e escocês passou de 24 milhões de jardas (em 1820) para 51 milhões (em 1833). O número de fiações de linho era, em 1835, de 347, empregando 33.000 operários, metade das quais se situavam na Escócia meridional, mais de 60 no West Riding de Yorkshire (Leeds e arredores), 25 em Belfast, na Irlanda, e o resto no Dorsetshire e no Lancashire. A tecelagem pratica-se na Escócia meridional e em diversos pontos da Inglaterra, mas sobretudo na Irlanda.

Os ingleses empreenderam com igual êxito a *preparação da seda*. Recebiam da Europa meridional e da Ásia matérias-primas já totalmente fiadas, e o trabalho essencial consistia em dobar e tecer os fios finos (*tramage*).

Até 1824, as taxas alfandegárias que atingiam pesadamente a seda bruta (4 *shillings* por libra) prejudicaram seriamente a indústria inglesa da seda, que só dispunha, graças a direitos protetores, do mercado inglês e do das suas colônias. Foi nesse momento que os direitos de importação foram reduzidos a um *penny* e imediatamente o número de fábricas aumentou notavelmente; num ano o número de dobadoras passou de 780.000 para 1.180.000 e se bem que a crise comercial de 1825 paralisasse por um momento este ramo industrial, em 1827 já se fabricava mais do que nunca, porque o talento mecânico e a experiência dos ingleses asseguravam às suas máquinas de

torcer a supremacia sobre as instalações desajeitadas dos seus concorrentes. Em 1835, o Império Britânico possuía 263 fábricas de torcer, com 30.000 operários, a maior parte dos quais instalados no Cheshire (Macclesfield, Congelton e arredores), em Manchester e no Somersetshire.<sup>18</sup> Além disso, existiam ainda muitas fábricas para o tratamento de resíduos de seda dos casulos, que serve para fazer um artigo especial (*spunsilk*)<sup>19</sup> com o qual os ingleses fornecem as tecelagens de Paris e Lyon. A tecelagem da seda assim torcida e fiada efetua-se principalmente na Escócia (Paisley, etc.) e em Londres (Spitalfields), mas também em Manchester e outros locais.

Contudo, o gigantesco desenvolvimento da indústria inglesa desde 1760 não se limitou à produção de tecidos para vestuário. Uma vez dado o impulso inicial expandiu-se a todos os ramos da atividade industrial, e uma série de invenções em conexão com os setores já mencionados, duplicaram de importância por serem contemporâneos do desenvolvimento geral. Mas, ao mesmo tempo, após ter sido demonstrada a importância incalculável da utilização da força mecânica na indústria, buscou-se meios para sua utilização em todos os setores e para explorá-la<sup>20</sup> em benefício dos diversos inventores e industriais; e, por outro lado, a procura de máquinas, combustíveis e material de transformação redobrou a atividade de uma multidão de operários e de ofícios. Só com o emprego da máquina a vapor se começa a dar importância às vastas jazidas de carvão da Inglaterra. A fabricação de máquinas se inicia nesta época, bem como um novo interesse pelas minas de ferro, que forneciam a matéria-prima para as máquinas; o crescimento do consumo de lã desenvolveu a criação de carneiros na Inglaterra, e o aumento da importação da lã, do linho e da seda, teve como efeito o crescimento da frota comercial inglesa. Foi principalmente a *produção do ferro* que cresceu. As montanhas inglesas, ricas em ferro, tinham sido pouco exploradas até então; o mineral de ferro era sempre fundido com carvão de madeira que — em virtude da melhoria das culturas e da destruição das florestas — se tornava cada vez mais caro e mais escasso; foi só no século precedente que se começou a utilizar o carvão mineral (*coque*) para este fim, e, a partir de 1780, descobriu-se um novo método para transformar ferro fundido com o coque até então utilizado somente sob a forma de ferro fundido, em ferro igualmente uti-

p. 17-21: desenvolvimento da indústria do vestuário



lizável para a forja. A este método, que consiste em extrair o carvão misturado com ferro no decurso da fusão, os ingleses dão o nome de *puddling* e, graças a ele, abriu-se um campo inteiramente novo à produção siderúrgica inglesa. Construíram-se altos-fornos 50 vezes maiores do que anteriormente, simplificou-se a fusão do mineral com a ajuda de foles de ar quente, e assim foi possível produzir ferro a um preço tão vantajoso que uma grande quantidade de objetos, outrora fabricados em pedra ou madeira, passou a ser feita em ferro.

Em 1788, Thomas Paine, o célebre democrata, construiu no Yorkshire a primeira ponte de ferro<sup>21</sup>, que foi seguida por grande número de outras, de tal modo que atualmente quase todas as pontes, principalmente sobre as vias férreas, são construídas em ferro fundido e em Londres até existe uma ponte sobre o Tâmis, a ponte Southwark, fabricada com este material; também são de uso corrente as colunas e os chassis para máquinas, geralmente de ferro; e desde que se introduziram as vias férreas e a iluminação a gás novos caminhos são abertos à produção siderúrgica na Inglaterra. Pouco a pouco, os pregos e parafusos também foram sendo fabricados por máquinas; Huntsman, de Sheffield, descobriu, em 1760, um método de fundir aço que tornava supérflua toda uma soma de trabalho e que facilitou a fabricação de novos artigos a preços mais baixos; e foi só, então, graças à maior pureza de matérias disponíveis, graças também ao aperfeiçoamento da maquinaria, às novas máquinas, e a uma divisão mais minuciosa do trabalho, que a fabricação de produtos metalúrgicos se tornou importante na Inglaterra. A população de Birmingham passou de 73.000 habitantes (em 1801) para 200.000 (em 1844) e a de Sheffield de 46.000 (em 1801) para 110.000 (em 1844) e o consumo de carvão desta última cidade, só por si, atingiu, em 1836, 515.000 toneladas.<sup>22</sup> Em 1805, exportaram-se 4.300 toneladas de produtos siderúrgicos e 4.600 toneladas de ferro bruto; em 1834, 16.200 toneladas de produtos metalúrgicos e 107.000 toneladas de ferro bruto; e a extração de ferro que, em 1740, no total, não passava de 17.000 toneladas, atingiu em 1834 cerca de 700.000 toneladas.<sup>23</sup> A fusão do ferro bruto consome só por si mais de 3 milhões de toneladas de carvão por ano<sup>24</sup>, e é difícil imaginar a importância que de um modo geral adquiriram as minas de carvão no de-

curso dos últimos 60 anos. Atualmente, todas as jazidas carboníferas da Inglaterra e da Escócia são exploradas, e as minas de Northumberland e de Durham produzem só por si mais de 5 milhões de toneladas para exportação; ocupam 40 a 50 mil operários. Segundo a *Durham Chronicle*<sup>25</sup>, havia nestes dois condados:

em 1753 .....	14 minas de carvão <sup>26</sup>
em 1800 .....	40 " " "
em 1836 .....	70 " " "
em 1843 .....	130 " " "

em atividade. De resto, atualmente, todas as minas são exploradas muito mais ativamente. Do mesmo modo, exploram-se mais ativamente as minas de *estanho*, de *cobre* e de *chumbo*, e paralelamente à extensão da fabricação do *vidro*, surgiu um novo ramo da indústria, a cerâmica, que, graças a Josiah Wedgwood, adquiriu importância. Este reduziu toda a fabricação de faiança a princípios científicos, melhorou o gosto do público e fundou as cerâmicas do Staffordshire do Norte, região de oito milhas inglesas quadradas, outrora deserto estéril, mas agora semeado de fábricas e de casas, onde vivem mais de 60.000 pessoas.

Tudo foi arrastado por este movimento, este turbilhão universal. A *agricultura* também foi atingida. E não só a propriedade da terra passou para as mãos de outros possuidores e cultivadores, tal como vimos acima, como também foi tratada de modo diferente. Os grandes fazendeiros empregaram o capital para melhorar o solo, abateram pequenos muros de separações inúteis, drenaram, adubaram a terra, utilizaram melhores instrumentos; introduziram uma alteração sistemática nas culturas (*cropping by rotation*). Também eles se beneficiaram do progresso das ciências. Sir Humphrey Davy aplicou a química à agricultura com êxito, e o desenvolvimento da mecânica trouxe-lhes um sem-número de vantagens. De resto, o crescimento da população provocou uma tal alta na procura de produtos agrícolas que, de 1760 a 1836, 6.840.540 jeiras inglesas\* de terra estéreis foram desbravadas<sup>27</sup>; e apesar de tudo, a Inglaterra passou de país exportador de trigo a país importador.

A mesma atividade se verificou no estabelecimento de vias de

comunicação. De 1818 a 1829, construíram-se na Inglaterra e no País de Gales mil milhas inglesas de estradas, com uma largura legal de 60 pés\*, e quase todas as antigas foram renovadas segundo o novo princípio de Mac Adam. Na Escócia, os serviços de obras públicas construíram, mais ou menos a partir de 1803, novecentas milhas de estradas e mais de mil pontes, o que permitiu, de repente, pôr as populações das montanhas em contato com a civilização. Até então os montanhese tinham sido, na sua maior parte, caçadores clandestinos e contrabandistas; tornaram-se agricultores e artesãos laboriosos e, embora se tenham criado escolas gaélicas para conservar a língua, os costumes e a língua galo-céltica estão em vias de rápido desaparecimento em face da aproximação da civilização inglesa. O mesmo se passa com a Irlanda. Entre os condados de Cork, Limerick e Kerry, estendia-se uma região desértica, sem caminhos praticáveis, que em virtude da sua inacessibilidade era o refúgio de todos os criminosos e a principal cidadela da nacionalidade celto-irlandesa no sul da ilha. Sulcaram-na de estradas, permitindo assim que a civilização penetrasse mesmo nessa região selvagem.

O conjunto do Império Britânico, mas sobretudo a Inglaterra, que, há 60 anos, possuía caminhos tão ruins como a França e a Alemanha dessa época, está hoje coberta por uma rede de belas estradas; e estas são também, como quase tudo na Inglaterra, obra da indústria privada, visto que o Estado pouco ou nada fez neste domínio.

Antes de 1755, a Inglaterra quase não possuía canais. Em 1755, no Lancashire, construiu-se o canal de Sankey Broock a St. Helens<sup>28</sup>; e em 1759, James Brindley construiu o primeiro canal importante, o do Duque de Bridgewater que vai de Manchester e das minas desta região à foz do Mersey e que, em Barton, passa por meio de um aqueduto por cima do rio Irwell. A rede de canais ingleses, à qual Brindley foi o primeiro a dar importância, data desta época. Desde então, construíram-se canais em todas as direções e tornaram-se navegáveis os rios. Só na Inglaterra contam-se 2.200 milhas de canais e 1.800 milhas de rios navegáveis; na Escócia construiu-se o canal Caledônio, que atravessa o país de lado a lado, e também na Irlanda se construíram diversos canais. Estas instalações também são, tal como as vias férreas e as estradas, quase todas obra de particulares e de companhias privadas.

A construção de estradas de ferro é de data recente. A primeira via importante foi a de Liverpool a Manchester (inaugurada em 1830); desde então, todas as grandes cidades foram ligadas por vias férreas. Londres a Southampton, Brighton, Dover, Colchester, Cambridge, Exeter (via Bristol) e Birmingham; Birmingham a Gloucester, Liverpool, Lancaster (via Newton e Wigan e via Manchester e Bolton) e, além disso, a Leeds (via Manchester e Halifax e via Leicester, Derby e Sheffield); Leeds a Hull e Newcastle (via York). Acrescentem-se numerosas vias de menor importância, em construção e em projeto, que em breve permitirão ir de Edimburgo a Londres num só dia.

Tal como tinha revolucionado as comunicações em terra, também o vapor conferiu à navegação um novo prestígio. O primeiro barco a vapor navegou em 1807 sobre o Hudson, na América do Norte; no Império Britânico, o primeiro foi lançado em 1811, no Clyde; desde esta data, mais de 600 foram construídos na Inglaterra<sup>29</sup>, e mais de 500 estavam, em 1836, em atividade nos portos britânicos.

Tal é, resumidamente, a história da indústria inglesa nos últimos 60 anos, uma história que não tem equivalente nos anais da humanidade. Há 60 ou 80 anos, a Inglaterra era um país como todos os outros, com pequenas cidades, uma indústria pouco importante e elementar, uma população rural dispersa, mas relativamente importante; agora, é um país ímpar, com uma capital de dois milhões e meio de habitantes<sup>30</sup>, colossais cidades industriais, uma indústria que alimenta o mundo inteiro e que fabrica quase tudo com a ajuda das máquinas mais completas; com uma população densa, laboriosa e inteligente, da qual 2/3 trabalha na indústria<sup>31</sup>, e composta por classes completamente diferentes das de outrora; que constitui, de fato, uma nação completamente diferente, com outros costumes e necessidades diferentes das do passado. A revolução industrial reveste, para a Inglaterra, o significado que tem para a França a revolução política e para a Alemanha a revolução filosófica; e a distância que separa a Inglaterra de 1760 da de 1855 é pelo menos tão grande como a que separa a França do *ancien régime*<sup>32</sup> da da revolução de junho. Contudo, o fruto mais importante desta revolução industrial foi o proletariado inglês.

Vimos, mais acima, que o proletariado nasceu da introdução da maquinaria. A rápida expansão da indústria exigia braços; por

consequente, os salários subiram e exércitos compactos de trabalhadores vindos das regiões agrícolas emigraram para as cidades. A população cresceu rapidamente e quase todo o crescimento veio da classe dos proletários.

Por outro lado, só no princípio do séc. XVIII reinou uma certa ordem na Irlanda; também aí a população, mais do que dizimada pela barbárie inglesa devido às perturbações anteriores, cresceu rapidamente, sobretudo desde que o desenvolvimento industrial começou a atrair para a Inglaterra uma multidão de irlandeses. Foi assim que nasceram as grandes cidades industriais e comerciais do Império Britânico, onde pelo menos 3/4 da população fazem parte da classe operária e onde a pequena burguesia se compõe de comerciantes e de muito poucos artesãos. Ao adquirir importância, a grande indústria transformou os utensílios em máquinas, as oficinas em fábricas e, desse modo, a classe trabalhadora média em proletariado operário, e os negociantes de outrora em industriais; assim como a classe média foi suplantada e a população reduzida à oposição única entre capitalistas e operários, o mesmo se passou fora do setor industrial, no sentido estrito do termo com os artesãos e mesmo com o comércio; aos mestres e companheiros de outrora sucederam os grandes capitalistas e operários sem perspectiva de se elevarem acima da sua classe; o artesanato industrializou-se, a divisão do trabalho operou-se com rigor, e os pequenos artesãos que não podiam concorrer com os grandes estabelecimentos foram atirados para as fileiras da classe proletária. Mas, ao mesmo tempo, a supressão deste artesanato, o aniquilamento da pequena burguesia, retiraram ao operário qualquer possibilidade de se transformar a si mesmo em burguês. Até então ele tivera sempre a perspectiva de poder instalar-se como mestre em qualquer parte, e talvez contratar companheiros; mas agora que os próprios mestres foram despojados pelos industriais, que o início de uma exploração autônoma necessita de enormes capitais, só agora é que o proletariado se tornou realmente uma classe estável da população enquanto antes não era muitas vezes senão uma transição para um acesso à burguesia. Agora, quem quer que nasça operário não tem outra perspectiva senão ficar toda a vida um proletário. Agora, portanto — pela primeira vez —, o proletariado estava em condições de agir autonomamente.

Foi, pois, desta maneira que foi reunida a imensa massa de operários que ocupa atualmente todo o Império Britânico, e cuja situação social se impõe cada vez mais à atenção do mundo civilizado.

A situação da classe trabalhadora, isto é, a situação da imensa maioria do povo, coloca a questão: o que vai acontecer a estes milhões de seres que nada possuem, que nada consomem hoje o que ganharam ontem, cujas descobertas e trabalho fizeram a grandeza da Inglaterra, que cada dia se tornam mais conscientes da sua força e exigem mais imperiosamente a sua parte das vantagens que proporcionam às instituições sociais? — esta pergunta tornou-se desde o *Reform Bill*<sup>33</sup> a questão nacional. Ela é o denominador comum de todo os debates parlamentares com alguma importância e embora a classe média inglesa ainda não queira confessá-lo, embora procure iludir este importante problema e fazer passar os seus interesses particulares pelos verdadeiros interesses da nação, estes expedientes de nada lhe servem. Cada sessão parlamentar vê a classe operária ganhar terreno e os interesses da classe média perderem importância, e se bem que a classe média seja a principal ou mesmo a única potência no parlamento, a última sessão de 1844 não foi senão um longo debate sobre as condições de vida dos operários (*bill* dos pobres, *bill* das fábricas, *bill* sobre as relações entre senhores e servidores)<sup>34</sup>, e Thomaz Duncombe, representante da classe operária na Câmara dos Comuns, foi o grande homem desta sessão, enquanto a classe média liberal com a sua moção sobre a supressão das leis sobre os cereais, e a classe média radical com a sua proposta de recusar os impostos, tiveram um papel lamentável. Até as discussões sobre a Irlanda não foram a fundo senão nos debates sobre a situação do proletariado irlandês e sobre os meios de melhorá-la. Mas, já é tempo de a classe média inglesa fazer concessões aos trabalhadores que já não pedem, mas ameaçam e exigem, porque em breve pode ser tarde demais.

Mas a classe média inglesa e, sobretudo, a classe industrial que se enriquece diretamente com a miséria dos trabalhadores, não quer saber desta miséria. Ela, que se sente forte, representativa da nação, tem vergonha de desnudar, aos olhos do mundo, esta chaga da Inglaterra; ela não quer confessar que se os operários são miseráveis é ela, a classe industrial possuidora, que deveria arcar com a responsabilidade moral dessa miséria. Daí a expressão irônica que os ingle-

ses cultos assumem — e não só eles, quer dizer, a classe média que nós conhecemos no continente — quando se fala da situação dos operários; daí a total ignorância de tudo o que diz respeito aos trabalhadores em toda a classe média; daí as gafes ridículas que esta classe comete no parlamento quando se começa a discutir as condições de vida do proletariado; daí a indiferença sorridente a que se abandona, num terreno minado debaixo dos seus pés e em que se pode afundar a qualquer momento, e cujo próximo desmoronamento tem a inelutabilidade de uma lei matemática ou mecânica; daí este milagre: os ingleses ainda não possuem uma obra completa sobre a situação dos seus operários, se bem que façam investigações e andem à volta com este problema há não sei quantos anos. Mas é também isso que explica a profunda cólera de toda a classe operária, de Londres a Glasgow, contra os ricos que os exploram sistematicamente e os abandonam em seguida à sua sorte sem piedade, cólera que em breve — quase o podemos calcular — explodirá numa revolução, à vista da qual a primeira revolução francesa e o ano de 1794<sup>35</sup> serão uma brincadeira de crianças.

## NOTAS

- <sup>1</sup> As primeiras páginas desta introdução inspiram-se na obra de P. Gaskell: *The Manufacturing Population of England*, 1833, pp. 15-32.
- <sup>2</sup> Se não criou a expressão, Engels é um dos primeiros a empregá-la (Cf. Clark: *The idea of the industrial revolution*, Glasgow, 1953).
- <sup>3</sup> O fim deste parágrafo resume uma passagem de Gaskell: *op. cit.*, pp. 16-17.
- <sup>4</sup> Nome da primeira máquina de fiar algodão.
- <sup>5</sup> Trata-se na realidade de Stanhill. Engels provavelmente cometeu este erro por adotar a ortografia de A. Ure: *The cotton manufacture of G. B.*, 1836, p. 196.
- <sup>6</sup> Neste domínio, muitas invenções importantes tinham sido feitas na Inglaterra a partir de 1738. A Jenny de Hargreaves foi aperfeiçoada de 1769 a 1771 por Richard Arkwright, cuja máquina foi denominada de *throstle*. É em 1779 que Samuel Crompton dá os últimos retoques à sua *mule*. Por fim, em 1825, ela será substituída pela máquina automática de Richard Robert chamada *self-acting-mule* ou *self-actor*.
- <sup>7</sup> Refere-se aos trabalhadores que se dedicavam à fiação e à tecelagem e também ao trabalho agrícola. Ver p. 32. (N.T.)
- <sup>8</sup> Ver acima nota 6, p. 34.
- <sup>9</sup> Tradução literal "tear de corrente".
- <sup>10</sup> No original: *Verwicklung* (imbricamento); na edição de 1892: *Entwicklung* (desenvolvimento).
- <sup>11</sup> Segundo Porter: (*The Progress of the nation*, Londres, 1836, vol. I, 1838, vol. II, 1843, vol. III (de acordo com indicações oficiais) e segundo outras fontes, a maior parte das quais igualmente oficiais (1892). O esboço histórico da revolução industrial acima é inexacto em alguns

- talhes\*\*\*, mas em 1843-44 não existiam fontes melhores do que as que eu utilizei. (F.E.).
- <sup>11</sup> MacCulloch: *A Dictionary of Commerce* (ed. de 1840, Vol. I, p. 444) indica 1,2 a 1,4 milhão. Cf. igualmente Porter: *op. cit.*, vol. I, 1836, p. 229. Na edição de 1847, MacCulloch indica 1,2 milhão (vol. I, p. 438). Engels conserva o número primitivo.
- \* Engels tinha lido muito atentamente o livro de Porter tomando muitas notas. Utilizou principalmente a edição de 1843 para os seus artigos do *Vorwarts* de agosto de 1844.
- \*\* É possível precisar algumas das indicações de Engels: Cartwright não inventou o tear. Limitou-se a aperfeiçoá-lo. Por outro lado, Engels ignorava que quando James Watt registrou uma patente pela sua máquina a vapor esta já fora inventada em vários outros países, na França, na Alemanha, na Rússia.
- \* Unidade do sistema inglês, que equivale a 914 milímetros. (N.T.)
- <sup>12</sup> Engels tira estes números de A. Alison: *Principles of population* (1840, vol. II, p. 87) arredondando-os. Alison refere-se a 31.000 habitantes em 1770, 290.000 em 1839.
- <sup>13</sup> Estas diferentes máquinas são anteriores à de Jacquart. Entre a máquina de Point-net e a máquina de Bobin-net há sobretudo uma diferença de motivos. A primeira faz rendas com motivo oblongo, a segunda com motivo hexagonal.
- <sup>14</sup> Passagem citada por Marx: *O capital*, livro 1º, t. II p. 704, Civilização Brasileira, 1968.
- <sup>15</sup> J. Bischoff: *A comprehensive history of the woolen and worsted manufactories*, 1842, vol. II, apêndice, quadro IV, indica para o Yorkshire, 56.899 peças em 1738 contra 483.720 em 1817. Engels, que arredondou o segundo número, cometeu provavelmente erro ao copiar o primeiro.
- <sup>16</sup> Os números acima, como os da página precedente, foram tirados de Porter: *op. cit.*, pp. 196-197, 200-201, 265-272.
- <sup>17</sup> O ton ou tonelada inglesa corresponde a 2.240 libras inglesas (1892). Quer dizer, quase 1.000 quilos. (F. E.)
- <sup>18</sup> Porter: *op. cit.*, diz que, em 1835, 238 fábricas estavam em atividade e 25 tinham fechado as portas (vol. I, pp. 260-261). Engels fez a soma.
- <sup>19</sup> Fios de seda.
- <sup>20</sup> Edição de 1892: "utilizá-la".
- <sup>21</sup> Engels comete aqui um erro material: a ponte concebida por Paine e cujos elementos foram fundidos em Rotherham no Yorkshire não foi construída nesta região. A primeira ponte de ferro do Yorkshire foi lançada em 1779 sobre o Severn em Coolbrookdale (Cf. Conway: *Life of Th. Pain*, 1892, vol. I, p. 239 e segs.). Eis o gênero de erros que W. O. Henderson e W. H. Chaloner apontam na sua recente e meticulosa edição da obra de Engels. Engels: *The condition of the working class in England*, Oxford, 1958. Retiramos daí um certo número de notas.
- <sup>22</sup> Trata-se de toneladas inglesas. Ver atrás nota 17.
- <sup>23</sup> Números retirados de Porter: *op. cit.*, vol. I, 1836, IV.
- <sup>24</sup> Na sua edição de 1843, Porter precisa 4.877.000 toneladas. Engels consultou muito provavelmente um dos volumes anteriores que de fato dava 3 milhões de toneladas.
- <sup>25</sup> Semanário publicado em Durham desde 1820. Nos anos 40, era de tendência burguesa liberal. (Nº 1.826, junho de 1844, p. 2, "O monopólio de carvão").
- <sup>26</sup> A *Durham Chronicle* diz: "cerca de 14".
- <sup>27</sup> Porter: *op. cit.*, vol. V, 1836, p. 170.
- \* Medida agrária que varia, segundo o país, de 19 a 36 hectares. (N.T.)
- <sup>28</sup> Só foi aberto à navegação em 1757.
- \* Medida linear anglo-saxônica que corresponde a 30,48 cm. (N.T.)
- <sup>29</sup> Porter fala (vol. II, 1838) de 600 barcos em circulação no Reino Unido. *Op. cit.*, p. 4.
- <sup>30</sup> O censo de 1841 indicava 1.949.277 habitantes.
- <sup>31</sup> Nas edições inglesas de 1887 e 1892... *trade and commerce* (indústria e comércio).
- <sup>32</sup> Em francês no texto.
- <sup>33</sup> Esta lei, promulgada a 7 de junho de 1832, suprimiu de fato o monopólio político da aristocra-

cia financeira e rural. Ela abria a porta do parlamento à burguesia industrial. Um certo número de "burgos apodrecidos" deixaram de estar representados na Câmara. Mas só obtinham o direito de voto os eleitores que pagavam mais de 10 libras de imposto. Pequena burguesia e proletariado, artesãos da reforma, eram afastados do benefício da lei eleitoral.

<sup>34</sup> Falaremos ainda várias vezes desta sessão parlamentar de 1844.

<sup>35</sup> Engels refere-se sem dúvida ao Terror (1893).

## O PROLETARIADO INDUSTRIAL

---

A ordem pela qual examinaremos as diferentes categorias do proletariado decorre imediatamente da história da sua gênese, que acabamos de esboçar. Os primeiros proletários pertenciam à indústria e foram diretamente engendrados por ela; os operários da indústria, os que se ocupam no trabalho com as matérias-primas, reterão pois, em primeiro lugar, a nossa atenção.

A produção do material industrial, das matérias-primas e dos combustíveis só se tornou verdadeiramente importante depois da revolução industrial e originou assim um novo proletariado industrial: os operários das minas de carvão e das minas de metais. Em terceiro lugar, a indústria exerceu influência sobre a agricultura e em quarto lugar sobre a Irlanda, e é segundo esta ordem que é preciso assinalar o respectivo lugar das diversas frações do proletariado. Veremos igualmente que, talvez com exceção dos irlandeses, o nível cultural dos diversos trabalhadores está em íntima ligação com as duas relações com a indústria e que, por conseguinte, os operários da indústria são os que têm mais consciência dos seus próprios interesses, os das minas já o têm menos e os da agricultura quase que ainda não o têm. Mesmo nos operários da indústria encontraremos esta ordem, e veremos como os operários das fábricas, esses filhos mais velhos da revolução industrial, foram desde o princípio até aos nossos dias o núcleo do movimento operário e como os outros se ligaram ao movimento à medida que o seu ofício era arrastado pelo turbilhão da indústria; assim com o exemplo da Inglaterra, vendo como o movimento operário evoluiu *pari passu* com o movimento industrial, compreenderemos a importância histórica da indústria.

Mas como atualmente quase todo o proletariado industrial foi conquistado para este movimento, e como a situação das diversas categorias de operários apresenta muitos pontos comuns — precisa-

mente porque todas são industriais — é preciso estudar primeiro esses pontos, a fim de que, em seguida, possamos examinar com muito mais rigor cada ramificação na sua particularidade.

Já indicamos anteriormente que a indústria centraliza a propriedade nas mãos de um pequeno número de pessoas. Exige enormes capitais por meio dos quais constrói gigantescos estabelecimentos — arruinando assim a pequena-burguesia artesanal — e com a ajuda dos quais põe ao seu serviço as forças da natureza, a fim de expulsar do mercado o trabalhador manual individual. A divisão do trabalho, a utilização da força hidráulica e sobretudo da força a vapor, a maquinaria: eis as três grandes alavancas com as quais a indústria, desde meados do século passado, se esforça por fazer avançar o mundo. A pequena indústria deu lugar à classe média, a grande indústria à classe operária, e colocou no trono alguns raros eleitos da classe média, mas unicamente para um dia os abater com mais segurança. Entretanto, é um fato inegável e facilmente explicável que a numerosa pequena burguesia dos “velhos tempos” foi destruída e decomposta em ricos capitalistas por um lado e pobres operários por outro.<sup>1</sup>

Mas a tendência centralizadora da indústria não fica por aí. A população fica tão centralizada como o capital; nada mais natural porque, na indústria, o homem, o trabalhador, não é considerado senão como uma fração do capital à qual o industrial entrega um juro — que se chama salário — como compensação ao que o trabalhador lhe proporciona. O grande estabelecimento industrial exige numerosos operários trabalhando juntos num mesmo edifício: eles têm que habitar juntos: para uma fábrica média já constituem uma vila. Têm necessidades para cuja satisfação outras pessoas são necessárias: os artesãos: alfaiates, sapateiros, padeiros, pedreiros e marceneiros afluem. Os habitantes da vila, sobretudo a geração mais jovem, habitam-se ao trabalho na fábrica, familiarizam-se com ele e, logo que a primeira fábrica, como se compreende, já não os pode ocupar a todos, o salário baixa e, por consequência, vêm-se instalar novos industriais. De tal modo que a vila se transforma numa pequena cidade e a pequena cidade numa grande cidade. Quanto maior for a cidade maiores são as vantagens da aglomeração. Surgem as vias férreas, os canais e as estradas; a escolha entre os trabalhadores

experimentados torna-se cada vez maior; em virtude da concorrência que os empreiteiros da construção civil e também os fabricantes de máquinas<sup>2</sup>, disponíveis, fazem entre si, podem-se fundar melhores estabelecimentos, mais baratos que numa região mais afastada, para onde se teria que transportar primeiro a madeira de construção, as máquinas, os operários de construção e os operários da indústria; tem-se um mercado, uma bolsa onde se comprimem os compradores; mantêm-se relações diretas com os mercados que entregam a matéria-prima ou que distribuem os produtos acabados. Daí o desenvolvimento espantosamente rápido das grandes cidades industriais. Certamente que o campo tem, em troca, a vantagem dos salários serem aí habitualmente mais baixos; as regiões rurais e a cidade industrial mantêm-se assim em concorrência contínua, e se hoje a vantagem está do lado da cidade, amanhã o salário baixará na região que a rodeia a tal ponto que a criação de novos estabelecimentos no campo será vantajosa. Mas, apesar de tudo, a tendência centralizadora mantêm-se extremamente forte e cada nova indústria criada no campo traz em si o germe de uma cidade industrial. Se fosse possível que esta atividade louca da indústria durasse ainda cem anos, cada distrito industrial da Inglaterra ver-se-ia reduzido a uma única cidade industrial e Manchester e Liverpool encontrar-se-iam em Warrington ou Newton; porque esta centralização da população exerce igualmente o seu efeito sobre o comércio exatamente da mesma maneira e é por isso que alguns portos (Liverpool, Bristol, Hull e Londres) monopolizam quase todo o comércio marítimo do Império Britânico.

Dado que a indústria e o comércio se desenvolvem mais perfeitamente nas grandes cidades é, pois, igualmente aí que aparecem mais manifesta e claramente as consequências que exercem sobre o proletariado. Foi aí que a centralização dos bens atingiu o seu grau mais elevado, foi aí que os costumes e as condições de vida dos velhos tempos foram mais radicalmente destruídos; foi aí que se chegou a um ponto em que a expressão *Old Merry England*<sup>3</sup> já não tem nenhum sentido, porque já nem se reconhece esta velha Inglaterra pela recordação e pela descrição dos avós. Também é por isso que já não há aí senão uma classe rica e uma classe pobre, porque a pequena burguesia cada dia desaparece mais. Ela que, outrora, era a classe mais estável, tornou-se agora a mais instável; já não se com-

põe senão de alguns vestígios de uma época revolucionada e de um certo número de pessoas que bem queriam fazer fortuna, cavaleiros da indústria e especuladores perfeitos, dos quais um em cada cem enriquece, enquanto os outros 99 falham, e destes 99 mais da metade só vive de falências.

Mas a imensa maioria destas cidades é constituída por proletários, e agora o objeto do nosso estudo será saber como vivem e qual a influência que a grande cidade exerce sobre eles.

## NOTAS

<sup>1</sup> Ver a este respeito o meu "Esboço de uma crítica da economia política" nos *Anais franco-ale-mães*. Neste trabalho, o ponto de partida é "a livre concorrência"; mas a indústria não é senão a prática da livre concorrência e esta apenas o princípio da indústria. (F.E.).

\* Ver edição em língua portuguesa em "Temas de Ciências Humanas" n.º 5, S. Paulo, Liv. Ed. Ciências Humanas, 1979, pp. 1-29.

<sup>2</sup> Engels refere-se aos operários que fabricavam as máquinas.

<sup>3</sup> A boa velha Inglaterra.

## AS GRANDES CIDADES<sup>1</sup>

Uma cidade como Londres, onde podemos andar horas sem sequer chegar ao princípio do fim, sem descobrir o menor indício que assinale a proximidade do campo, é realmente um caso singular.

Esta enorme centralização, este amontoado de 3,5 milhões de seres humanos *num único* lugar, centuplicou o poder destes 3,5 milhões de homens. Ela elevou Londres à condição de capital comercial do mundo, criou docas gigantescas e reuniu milhares de navios, que cobrem continuamente o Tâmesa. Não conheço nada mais imponente que o espetáculo oferecido pelo Tâmesa, quando subimos o rio desde o mar até a ponte de Londres. A massa de casas, os estaleiros navais de cada lado, sobretudo acima de Woolwich, os numerosos navios dispostos ao longo das duas margens, apertando-se cada vez mais uns contra os outros, a ponto de, por fim, deixarem somente um estreito canal no meio do rio, sobre o qual se cruzam, a toda a velocidade, uma centena de barcos a vapor — tudo isto é tão grandioso, tão enorme, que nos sentimos atordoados e ficamos estupefatos com a grandeza da Inglaterra antes mesmo de pôr os pés em terra.<sup>2</sup>

Quanto aos sacrifícios que tudo isto custou, só os descobrimos mais tarde. Depois de pisarmos, durante alguns dias, as pedras das ruas principais, de a custo termos aberto passagem através da multidão, das filas sem fim de carros e carroças, depois de termos visitado os "bairros de má reputação" desta metrópole, só então começamos a notar que estes londrinos tiveram que sacrificar a melhor parte da sua condição de homens para realizar todos estes milagres da civilização de que a cidade é fecunda, que mil forças que neles dormiam ficaram inativas e foram neutralizadas para que só algumas pudessem se desenvolver mais e fossem multiplicadas pela união com outras. Até a própria multidão das ruas tem, por si só, qualquer coi-